

### **Maruti Suzuki a ferro e fogo, quebra o sonho da auto indiana**

por Romeo Orlandi\*



A tensão é ainda muito elevada na fábrica da Maruti Suzuki em Manesar, uma cidade da área metropolitana de Nova Deli. Dois dias atrás, um desfile de 3 mil trabalhadores atacaram a fábrica, matando um dirigente do escritório dos funcionários, destruindo equipamentos e, finalmente, incendiando os armazéns. No dia seguinte, a empresa decidiu fechar a fábrica e a suspensão temporária da produção.

A fábrica é a mais moderna das multinacionais japonesas na Índia, que agora detém a maioria absoluta, depois de se tornar *partner* do governo indiano (que agora não possui nenhuma cota por tê-los colocado no mercado) no momento da sua criação. O nome duplo - Índia e Japão – é um sinónimo na Índia de automóveis. A empresa iniciou a motorização do país, produzindo e impondo modelos económicos, mas de qualidade elevada. A vastidão do mercado e o crescimento de uma consistente classe média fizeram aumentar as vendas.

A empresa já encontrou mais de 10 milhões de clientes e possui mais do que 40% do mercado de automóveis particulares. Um sucesso semelhante não ocorreu sem obstáculos. Na realidade, o maior fabricante indiano de carros deve agora enfrentar a concorrência da Honda, Toyota e Ford que no ano passado desgastou significativamente a sua quota de mercado. O motivo contingente foi o abrandamento da produção registados nas fábricas da Maruti Suzuki no final de 2011. Fortes agitações sindicais bloquearam a produção por 60 dias, com uma diminuição de 65.000 automóveis.

As greves e disputas puseram novamente em discussão as relações industriais da empresa, muitas vezes acusada de perseguir um modelo extremamente severo para os funcionários e demonstrar pouca vontade de negociação. As tensões foram inflamadas por trabalhadores sem contrato, assertado não obstante as leis indianas sobre os salários mais baixos. O salário mensal é de cerca 100 euros, menos de metade dos colegas contratados. Aos trabalhadores precários também são negados os cruciais direitos sindicais. A sua situação, já no limite da sobrevivência, é agravada pela subida dos preços dos combustíveis e dos produtos alimentares. As aldeias ao redor da fábrica - de onde vêm os trabalhadores - tornaram-se como um terreno pronto a explodir. Agora a polícia passa pelo crivo de prender os responsáveis, e quem presentemente presidia a fábrica. Depois do acidente, saltam à vista as carcaças de carros queimados, portas arrombadas, e as janelas sem vidros.

Menos visíveis, mas igualmente presentes, permanecem as causas sem solução desta explosão de violência.

---

\*Presidente do Comité Científico de Osservatorio Asia